O INSTRUMENTO DO PROJETO URBANO E AS PREOCUPAÇÕES SUSTENTÁVEIS APLICADAS

Bianca Menchon Endlich (PIBIC/CNPq/UEM), Layane Alves Nunes (Orientadora), Igor José Botelho Valques (Coorientador). E-mail: ra130276@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Tecnológicas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas / Arquitetura e Urbanismo, Projeto Urbano.

Palavras-chave: Desenvolvimento sustentável; intervenção urbana; projeto urbano.

RESUMO

Esta pesquisa estudou aplicações do conceito de desenvolvimento sustentável inseridos em projetos de intervenções urbanas, tendo como objetivo geral de identificar e compreender como e quando o conceito de desenvolvimento sustentável começou inserido neste campo do Urbanismo. Para isso, o estudo foi conduzido com base em uma pesquisa bibliográfica, histórico-interpretativa, pois buscou compreender o conceito de desenvolvimento sustentável e identificar sua inserção nas discussões sobre a produção do espaço urbano. A partir da análise identifica-se que na evolução do planejamento das cidades, alguns autores apontam que o campo do urbanismo, o instrumento do Projeto Urbano pode ser reconhecido em três gerações. Dentro disso, observou-se que na 1ª Geração (1928-1959) predominava uma lógica funcionalista e rígida, que priorizava a segregação de funções, desconsiderando as especificidades do lugar; a 2ª Geração (1960-1980) trouxe uma proposta de descentralização urbana, com intervenções adaptadas à escala local e uma abordagem mais integrada entre o tecido natural e urbano; e a 3ª Geração (1980 até hoje) passou a compreender o desenvolvimento sustentável como espetáculo, atuando como força motora de transformações urbanas mediadas por parcerias público-privadas. Conclui-se que o desenvolvimento sustentável, quando incorporado à elaboração dos projetos urbanos, consolida-se como um princípio estruturante e indissociável do planejamento urbano, independentemente da escala de intervenção, redefinindo-se e adaptando-se às transformações econômicas, sociais e ambientais de cada época.

INTRODUÇÃO

A compreensão sobre a evolução da vida em sociedade leva a entender parte da complexa história das cidades, que também foram criadas e modificadas ao longo dos séculos em consequência das dinâmicas e necessidades humanas. Segundo Gehl (2011), o processo de criação das cidades não é linear ou definido, segundo o autor primeiro moldamos nossas cidades e, então, elas nos moldam. Assim, ao longo do tempo os usos do tecido urbano se alteram, para atender transformações econômicas, políticas, tecnológicas, sociais, tudo isso para englobar as novas visões e necessidade da sociedade, das preocupações ambientais e das revoluções industriais.

Diante desses fenômenos, o instrumento do Projeto Urbano foi identificado como um agente presente ao longo da história recente, reconfigurando-se junto às crises econômicas e evoluções tecnológicas que também alteraram a forma de gerir e planejar as cidades. Sob o olhar da transformação física do solo urbano, esse instrumento apresenta lacunas para a compreensão de seu surgimento, conceito, aplicações e ações no território urbano.

Esta pesquisa se debruçou sobre essa lacuna, apoiando-se no entendimento de Portas (2003), que apresenta o Projeto Urbano em três gerações, apontando que o termo é utilizado para nomear intervenções urbanísticas que articulam planejamento, desenho urbano e estratégias de requalificação do espaço público. Assim, a pesquisa investigou o conceito de desenvolvimento sustentável inserido no instrumento do Projeto Urbano, a partir de sua constituição histórica, com ênfase na identificação e análise dessas três gerações distintas, buscando compreender como cada fase se relaciona com as transformações físicas das cidades e suas as concepções em cada período, verificando a teoria e a prática nas transformações urbanas contemporâneas e nas preocupações ambientais.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi conduzido com base revisão bibliográfica, cuja análise histórico-interpretativa, possibilitou compreender o conceito de desenvolvimento sustentável e identificar sua inserção nas discussões sobre a produção do espaço urbano e o planejamento das cidades, possibilitando também o aprofundamento de entendimento do instrumento do Projeto Urbano, seus avanços teóricos e práticos, bem como suas aplicações ao longo da história, reconhecendo fases, períodos e características analisadas por diferentes autores e ainda interpretar, sob o viés desta pesquisa, como os projetos urbanos estudados incorporaram o desenvolvimento sustentável e exploram essa relação na produção e transformação física dos tecidos urbanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A condução deste estudo permitiu compreender a evolução do Projeto Urbano em três gerações, conforme a classificação proposta por Portas (2003), também discutida por Secchi (2015) e Solà-Morales (2020). Na 1ª Geração (1928-1959) dos Projetos Urbanos, momento de um processo de urbanização acelerado e desordenado, impulsionado pela Revolução Industrial e pela Segunda Guerra Mundial, que estimulou uma prática urbanística calcada em princípios pragmáticos modernistas, com foco na funcionalidade e em sistemas setoriais do Estado, como visto nos projetos de Nagele e de Chandigarh, que priorizavam a reconstrução rápida e a organização territorial, muitas vezes sem considerar as dinâmicas locais ou os impactos ambientais a longo prazo, mas percebe-se nesses projetos modernos a inserção de áreas/espaços verdes, consequentemente, de respiro inseridos nos espaços projetados (Leite, 2002; Portas, 2003).

Na 2ª Geração (1960-1980), o foco do urbanismo se deslocou para a expansão da infraestrutura como valorização do ambiente construído, os Projetos Urbanos foram desenvolvidos com ações pontuais voltadas à reconstrução, ao restauro e à revitalização de áreas urbanas degradadas e subutilizadas, como observado no Projeto Conjunto Park Hill, em Sheffield. Nesse período as preocupações ambientais identificadas se focaram na incorporação de critérios ecológicos e sociais ao planejamento e projeto urbano. Na prática, manifestaram-se na requalificação de frentes marítimas e portuárias (Baltimore e Barcelona), na preservação patrimonial sem demolições em massa (Kreuzberg/IBA em 1987) e no fomento à mobilidade sustentável (Leite, 2002).

Na 3ª Geração (1980 até hoje), segundo Solà-Morales (2020), o desenvolvimento sustentável passou a ser aplicado e tratado como espetáculo, mediado por mídias, marketing urbano e parcerias público-privadas, como demonstram os casos de Bilbao, com a reconversão de áreas industriais e portuárias, e de Medellín, com o Urbanismo Social voltado à tentativa de redução da desigualdade socioespacial. Também os Grandes Projetos Urbanos ligados aos megaeventos esportivos, como o Port Olímpic de Barcelona, evidenciam a incorporação de soluções ambientais e de espaços públicos como estratégia de requalificação urbana de longo prazo. Amparada por marcos globais como o Relatório Brundtland, de 1987, e o ODS 11 de 2015, a sustentabilidade traduziu-se em intervenções urbanas pontuais de alcance global, com o discurso da sustentabilidade ativo, como no caso da recuperação, ressignificação do curso da água e remediação de solos de Sydney Olympic Park, na Austrália; o redesenho do tecido urbano consolidado com a implantação de

parques lineares como em Medellín, na Colômbia; a gestão de recursos tecnológicos como no Projeto 22@ em Barcelona, na Espanha; e a aplicação de Soluções Baseadas na Natureza, como o conceito de Cidades Esponja aplicado em diversas cidades chinesas, além desses pode-se apontar a valorização do pedestre como no caso de *Superilles* em Barcelona.

CONCLUSÕES

Conclui-se que o desenvolvimento sustentável se consolidou como um elo essencial entre o pensamento estratégico e a transformação física do território, atuando como agente de mudança presente na história recente do Projeto Urbano. A sua inserção na elaboração de projetos urbanos não é evento ou temática isolada, mas um processo de transformação que trabalha fortemente com as questões socioeconômicas. Ao longo das três gerações analisadas, esse conceito se redefine e se adapta às transformações econômicas, sociais e ambientais de cada época, consolidando-se como um princípio que se aplica mais no discurso que na prática do urbanismo, independentemente da escala de intervenção.

REFERÊNCIAS

GEHL, J. **Cidades para pessoas.** 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LEITE, C. R. **Urbanização e sociedade industrial.** São Paulo: Contexto, 2002.

PORTAS, N. **El Surgimiento del Proyecto Urbano.** Perspectivas Urbanas, Barcelona, n. 3, 2003.

SECCHI, B. **Primeira lição de urbanismo.** São Paulo: Romano Guerra, 2015.

SOLÀ-MORALES, I. **Territórios da arquitetura.** São Paulo: Gustavo Gili, 2020.